

É DIA DE FEIRA: A FIGURA MASCULINA E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NAS BARRACAS DE FEIRA

Gabriel Marques da Silva¹

Resumo

A realização de feiras livres é algo comum no cotidiano e na dinâmica das grandes cidades brasileiras, sendo seu ambiente extremamente complexo no sentido das relações sociais e comerciais. No entanto, na correria característica desse ambiente, dificilmente notamos tantas dinâmicas e complexidades. Para tanto, o processo de elaboração deste trabalho contou com diversas etapas, passando pela definição do campo de estudo, das questões norteadoras, pela busca de referenciais teóricos, até a ida a campo, a entrevista com os sujeitos da pesquisa e a interpretação deste território extremamente intrincado. Este trabalho, elaborado em formato de ensaio etnográfico, faz uma leitura geral do ambiente, mas tem como objetivo principal explorar qual o papel da figura masculina nesta dinâmica e como se dá a organização do trabalho nas barracas, algo que me chamou atenção durante a elaboração do trabalho e tem grande força na relações sociais ali estabelecidas.

Palavras-chave: ensaio etnográfico, feira livre, masculinidade.

Abstract:

The street markets are something common in the daily life and in the dynamics of the Brazilian cities and its environment is extremely complex in social and commercial relations. However in the rush of this environment we hardly notice its multiple dynamics and complexities. For this reason, the process of elaboration of this work had several stages going through the definition of the field of study, the guiding questions, the search for theoretical references, going to the field study, the interview with the research subjects and the interpretation of this territory, which is extremely intricate. This ethnographic essay makes a general reading of the environment but its main objective is to explore the role of the male figure in this dynamic and how the organization of work in the stands takes place, something that caught my attention during the elaboration of work and has great strength in the social relations established there.

Keywords: ethnographic essay, street markets, masculinity.

¹ Universidade Federal do ABC. E-mail: gabriel.marques@aluno.ufabc.edu.br.

A elaboração deste ensaio etnográfico iniciou-se a partir da disciplina de Práticas em Ciências e Humanidades, na qual o objetivo inicial era determinar um campo de estudo para a realização de etnografias que resultaram no presente trabalho.

O processo de definição para o campo de estudo não foi uma tarefa muito fácil para mim, já que a experiência proposta era algo muito novo em minha vida acadêmica até tal momento. Surgiram-me algumas ideias, que logo foram descartadas levando em conta, sobretudo, minha disponibilidade de tempo, algo escasso para um estudante de graduação em período de estágio.

Dessa forma, decidi por algo próximo e em horário que fosse acessível e decidi, inicialmente, realizar o trabalho nas feiras livres do município de São Paulo e de São Bernardo do Campo para observar as similaridades e diferenças entre elas. No entanto, devido às limitações já citadas anteriormente, selecionei apenas uma das feiras para basear a minha análise.

Como já mencionado, pela facilidade de acesso e proximidade, acabei selecionando a feira livre noturna que acontece às quartas feiras na Alameda da Universidade, ao lado do Ginásio Poliesportivo Adib Moysés Dib, que fica a aproximadamente 500m de distância do câmpus de São Bernardo do Campo da Universidade Federal do ABC. (Figura 1)

Figura 1: Localização da feira livre escolhida.



Fonte: Elaboração Própria

A região em questão está localizada no bairro Parque Anchieta, no qual encontram-se residências da população de classe média/alta do município. O local também está próximo de

grandes e importantes avenidas, como a Avenida Kennedy, a Avenida Senador Vergueiro e a Avenida Lauro Gomes, além da Rodovia Anchieta, que liga São Paulo à Baixada Santista.

Passado esse difícil processo de definição de campo de estudo, iniciou-se um novo desafio: o de ir a campo com um objetivo totalmente inusitado para mim. No entanto, antes disso - com base nos conhecimentos prévios que eu possuía sobre as feiras que costumo frequentar - era preciso pensar em algumas possibilidades do que eu encontraria no local e como eu iria guiar a minha pesquisa. Surgiram inúmeras ideias e hipóteses que foram se consolidando com o tempo e, principalmente, com as visitas de campo, mas mais a frente abordarei melhor esse tema.

Para entender melhor as relações antropológicas presentes na feira livre, senti a necessidade de buscar referências que fizessem menção à este tema como uma forma de guiar o meu olhar antes da primeira visita de campo.

Segundo Vedana (2013), os feirantes não são como operários de fábrica que estão envolvidos em processos de dominação e exploração da força de trabalho e também não são como produtores rurais que têm como principal forma de vida a relação com a terra. Sendo assim, eles são classificados apenas como comerciantes, uma classe trabalhadora urbana.

Tendo em mente os conhecimentos citados acima, no dia 28 de março de 2018 fiz minha primeira visita afim de fazer o reconhecimento do local e das dinâmicas que ali acontecem.

Oficialmente, a feira ocorre entre as 19h e às 22h, no entanto, passei pelo local por volta das 13h30 e já havia movimentação de caminhões chegando com os produtos e a estrutura para montagem das barracas, o que mostra que apesar de ser uma feira noturna, as atividades começam bem mais cedo.

Apesar do seu horário de início oficial, por volta de 17h já há movimento de clientes no local. Aparentemente, são pessoas que estão saindo dos seus trabalhos e passam na feira para fazer as compras enquanto não há tanto movimento e os produtos são de mais qualidade e também aproveitam para comprar algo para jantar.

Em um primeiro momento, percebi que essa feira é um pouco diferente das demais que estou acostumado. Me causou estranheza que os comerciantes não têm o costume de gritar para atrair os clientes, sendo esse local muito silencioso e calmo. Também percebi que o público ali presente é de classe média/alta, muito provavelmente pessoas que moram nos bairros ao redor que são de renda mais elevada.

Passei a observar principalmente os feirantes, pensando em possibilidades de explorá-los como sujeitos de pesquisa, sobretudo, pensando em como seria interessante saber mais

sobre essas pessoas e, além disso, considerando a maior facilidade em encontrá-los, uma vez que com certeza eles estariam naquele mesmo local todas as quartas-feiras.

Por ser uma primeira visita, apenas observei o movimento e as dinâmicas ali presentes de longe, buscando ser um observador externo e não influenciar na movimentação daquele local, mas já começam a vir em minha mente algumas possibilidades de análise e interpretação do que acontece ali.

Surgiram, então, algumas perguntas, tais como: de onde vem os produtos que são comercializados? Como é a rotina dos vendedores? Qual a história de vida dos mesmos? Como eles chegaram àquele momento? Qual a relação de gênero entre os vendedores? Qual o perfil das pessoas que frequentam a feira?

No entanto, para direcionar o ensaio e as visitas de campo, decidi como pergunta central a seguinte questão: como a figura masculina aparece no trabalho nas barracas e como isso molda as rotinas e afazeres?

Com isso, fui para o segundo dia de visita com o olhar mais direcionado para tais questões, mas sem deixar de lado outras observações que pudessem ser interessantes e proveitosas para a elaboração do estudo.

Antes de me direcionar ao local, decidi que nesse dia buscaria alguma aproximação com os feirantes. Para isso, cheguei mais cedo pois imaginei que seria mais fácil conversar antes do maior fluxo de público do que depois, no momento em que eles estivessem ocupados com as vendas.

Caminhando pela feira, me chamou atenção também sua organização territorial, sendo que na parte mais alta da Alameda da Universidade estão as barracas de comida. Algumas delas, na verdade, não são as tradicionais barracas de madeira e toldo, mas são *food trucks*, o que talvez facilite o processo de montagem e instalação do equipamento no espaço.

Na região central, mais para baixo da Alameda, está uma grande barraca de verduras, que se segue por uma menor de balas, chicletes e doces variados. Ao fim do espaço delimitado para a feira, aparece também uma banca de tempero e uma de peixe.

Nesse momento de montagem, os comerciantes conversam bastante entre si, não só os que trabalham na mesma barraca, mas também com os demais vendedores. Falam alto e dão risada.

A primeira aproximação que tentei foi na barraca de peixes, onde os funcionários aparentemente já haviam finalizado a montagem e estavam organizando os produtos. Abordei um rapaz e expliquei sobre os propósitos do meu trabalho. Ele e seu companheiro se mostraram simpáticos mas ficaram receosos e um pouco intimidados com essa ideia de

precisarem conversar e contar sobre sua rotina, então pediram para eu retornar mais cedo na semana seguinte pois estavam ocupados no momento.

Em seguida, tentei aproximação na barraca de frutas, conversando com um senhor. Repeti a abordagem anterior explicando o intuito da minha presença e ele me parecia bastante interessado e disposto a ajudar. Ele me disse que no momento estava um pouco ocupado organizando os produtos, sendo que em pouco tempo os primeiros clientes já estariam chegando. Dessa forma, ele pediu que eu voltasse na semana seguinte ao fim da feira, quando ele já estivesse com mais tempo para conversar e permitiu que eu ficasse próximo a eles observando a rotina de trabalho. Perguntei seu nome, ele se apresentou, mas para preservar sua identidade o chamarei de CL.

Percebi que CL cuidava de duas barracas que estavam dispostas lado a lado e vendem manga, abacaxi, laranja, morango, pera, maçã e mamão, e os funcionários se dividem no atendimento de ambas. CL parece ser o proprietário, ou pelo menos o responsável pela coordenação delas.

Além de CL, estavam na barraca um jovem, com cerca de 20 anos e outras duas mulheres. A partir da pergunta que estabeleci para esse trabalho, comecei a analisar as relações entre os trabalhadores da barraca. Aparentemente havia algum laço familiar entre eles, mas ainda não tinha conseguido perceber exatamente qual era.

Com o tempo, começaram a aparecer os primeiros clientes e é estranho perceber como os comerciantes mudam o comportamento nesse momento. Antes falavam alto, agora pouco falam. Talvez eles moldem seus comportamentos de acordo com o perfil dos clientes.

No terceiro dia de visita, conforme CL havia me pedido, cheguei no horário em que as estruturas já estavam sendo desmontadas e havia mais movimentação de pessoas além dos vendedores. Havia também alguns caminhões chegando para carregar as bancas desmontadas. Me aproximei de CL, que logo me reconheceu e me recebeu com um sorriso. Então, perguntei se poderíamos conversar um pouco e ele aceitou. De acordo com as minhas questões de pesquisa, que envolvem a análise das relações de parentesco no trabalho, preparei algumas perguntas prévias que achava importante fazer, mas queria deixar a conversa o mais fluída possível para que ele falasse com naturalidade.

Figura 2: O ambiente da feira livre



Fonte: do autor

Perguntei sobre as pessoas que trabalhavam com ele e logo me falou seus nomes, apontando para as respectivas pessoas. A primeira delas era sua esposa LU que trabalha com ele desde que eles se casaram há 35 anos. A segunda é sua cunhada JO, irmã de sua esposa, que trabalha com eles há 10 anos, desde que perdeu seu emprego de costureira. O terceiro é seu filho FS que trabalha com ele desde os 15 anos, quando ia para o colégio e nos outros momentos ajudava a família nas feiras.

CL é um senhor de 62 anos que veio de Pernambuco com seus pais quando ainda pequeno. Sua família sempre foi muito humilde e seu pai viu na venda de frutas uma oportunidade de ganhar dinheiro em São Bernardo do Campo aos finais de semana, quando não estava trabalhando nas montadoras de carro. Com o tempo, CL passou a trabalhar com seu pai e adquiriu seus conhecimentos, seguindo as práticas como uma tradição familiar. Seus irmãos também viraram feirantes, trabalhando em outros locais de São Bernardo do Campo e de São Paulo.

Perguntei sobre suas rotinas de trabalho e ele me disse que apesar da feira ser noturna, o dia de trabalho deles já começa cedo com os cuidados com os produtos, o caminho até a feira, a montagem da estrutura, a organização dos produtos, até a chegada dos primeiros

clientes. E, ao fim da feira, há todo o trabalho de desmontar a estrutura e voltar para casa já pensando no trabalho do dia seguinte.

No dia anterior, observei que as mulheres ficam na parte de trás da barraca cuidando da limpeza das frutas, enquanto na parte da frente ficam os homens, que são responsáveis pelas vendas, então o questionei do motivo disso.

“Ah, isso é uma coisa de geração para geração, meu pai me ensinou assim e é assim que as coisas continuam indo. Eu sou o dono da barraca, então sou eu que tenho que fazer a venda e arrumar todo o trabalho. Meu filho me ajuda nisso para aprender como são as coisas e continuar tocando o negócio quando eu parar. Minha mulher e minha cunhada têm mais jeito com a limpeza das frutas, mas mulher não tem o jeito para vender as coisas na feira, então elas ficam atrás só cuidando da arrumação mesmo.”

Nesse momento senti certo espanto por ainda ouvir esses relatos e passei a pensar sobre tudo que me foi dito, tentando entender melhor como se dá a construção histórica e social dessa fala. Percebi, que a partir do contexto, podemos compreender o porquê de tal discurso, uma vez que os ensinamentos de CL a respeito do trabalho na feira foram baseados nessa ideia.

A partir dessas declarações e de Vedana (2013), podemos entender a relação de afetividade que o feirante possui com sua atividade, sendo construída uma forte ligação que envolve aprendizados e heranças que são transferidas de geração para geração.

Percebi também que as relações de parentesco, a hereditariedade e a figura masculina configuram fortemente a estrutura de trabalho na feira. O primeiro ponto é a questão de a barraca ser toda administrada pelo mesmo núcleo familiar, sendo que os lucros ficam todos concentrados com eles e evita-se a contratação de funcionários de fora. O segundo ponto é a relação de hierarquia que a figura masculina estabelece com os demais, sendo que isso também passa de geração para geração. Pela fala de CL percebemos que o pai é o responsável pela administração e por atribuir as tarefas dos demais, determinando qual o papel da mulher e ensinando o filho como seguir seus passos através modo de vida, além dos procedimentos técnicos e sociais relacionados ao trabalho na feira livre, o que configura sua sociabilidade.

Referências Bibliográficas

FONSECA, Claudia. Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cad. Pagu** [online]. 2007, n.29, pp.9-35. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 de março de 2018.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: A construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013.